

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/PORTUGUÊS

EDILSON ENOQUE DA SILVA

**O REGIONALISMO E O DETERMINISMO EM *VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA*:
UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA OBRA DE FONTES IBIAPINA.**

PICOS-PI

2015

EDILSON ENOQUE DA SILVA

**O REGIONALISMO E O DETERMINISMO EM *VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA*:
UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA OBRA DE FONTES IBIAPINA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura Plena em Letras.

Orientador (a): Prof^a Ms. Fernanda Martins Luz.

PICOS-PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S586r Silva, Edilson Enoque da
O regionalismo e o determinismo em *vida gemida em sambambaia* : uma análise sociológica da obra de Fonte Ibiapina / Edilson Enoque da Silva. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (44 f.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. Me. Fernanda Martins Luz

1. Modernismo. 2. Regionalismo. 3. Seca. 4. Determinismo. I. Título.

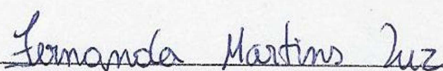
CDD B869.09

EDILSON ENOQUE DA SILVA

**O REGIONALISMO E O DETERMINISMO EM “VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA” UMA
ANÁLISE SOCIOLÓGICA NA OBRA DE FONTES IBIAPINA.**

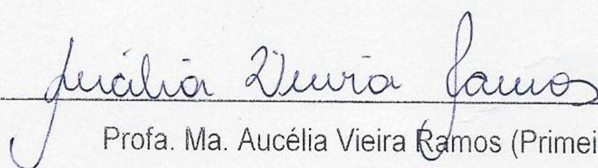
Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras/Português.

Aprovado em 15 de janeiro de 2015



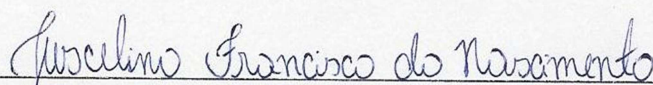
Profa. Ma. Fernanda Martins Luz (Presidente)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Profa. Ma. Aucélia Vieira Ramos (Primeira Avaliadora)

Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento (Segundo Avaliador)

Universidade Federal do Piauí – UFPI

De forma especial aos meus pais pela dedicação e confiança depositadas em mim, aos meus irmãos pelo apoio e por terem acreditado em mim durante toda a minha trajetória de educando, aos meus amigos que me incentivaram quando eu mais precisei. Enfim, sem o apoio e o carinho de cada um deles nada teria sido possível.

AGRADECIMENTOS

Depois de muitos desafios e muitos obstáculos, finalmente consegui terminar o mais desafiador dos trabalhos que já realizei; porém, para que isso fosse possível, contei com a ajuda de várias pessoas, pessoas estas que se dedicaram a contribuir da melhor maneira possível para que eu continuasse seguindo em frente. Assim, não poderia deixar de agradecê-los por tudo o que fizeram.

Começo aqui agradecendo a Deus por nunca me abandonar, nem mesmo nos meus momentos de falha, por estar sempre me mostrando os melhores caminhos a serem seguidos e as melhores escolhas a serem feitas, e por me dar toda força necessária para superar os obstáculos da vida.

Aos meus pais, primeiramente por terem me dado o dom da vida, e depois por todo amor e carinho que me deram durante toda minha trajetória de vida, pela compreensão durante os meus momentos de estresse e por toda dedicação e credibilidade a mim depositadas durante não só a minha vida acadêmica, mais também durante a minha vida de educando.

Aos meus irmãos pelo amor e carinho que me deram quando mais precisei, pela confiança que sempre depositaram em mim, por estarem sempre presentes nos momentos de alegria e nos momentos mais difíceis pelos quais eu já passei, e pela superproteção que sempre me deram.

Aos meus sobrinhos que sempre estiveram me fazendo sorrir independentemente da situação em que me encontrava, e por sempre me tocarem o coração com a mais pura inocência.

A todos os amigos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui, em especial Leonardo Sousa, Caroline Santos, Ozias Carvalho e Joyce Farias por terem me emprestado seu computador quando precisei. Aos amigos que fiz durante o curso, em especial Alane Gomes, Elaine Nunes, Jonielson Araújo, Kelveny Rafaelle, Dâmares Almeida, Vandelma Carvalho, Susana Hellen e Aparecida Coelho por estarem sempre dispostos a me ajudar.

Aos professores do curso de Letras pelo exemplo de dedicação que sempre me deram, pela educação e por sempre me receberem de maneira agradável. Agradecer especialmente a professora Margareth que me ajudou com muito carinho, em grande parte do meu trabalho.

A minha professora orientadora Fernanda Luz pela dedicação que teve em me ajudar, pela paciência em me receber até mesmo nos momentos mais inoportunos e por toda compreensão que teve durante a nossa trajetória de TCC.

Enfim, nada disso seria possível se cada um de vocês não tivessem se empenhado de forma direta ou indiretamente em me ajudar. A todos o meu muito OBRIGADO!

RESUMO

Diferentemente da primeira fase do Modernismo, a segunda fase tem como preocupação os reais problemas que envolvem o ser humano desse período, causados por vários fatores sociais. Com isso os autores passaram a trabalhar em suas obras as peculiaridades de suas respectivas regiões, o que os caracterizou como regionalistas. Dentre as principais temáticas abordadas por estes autores, está a seca, fator climático que assolou por muito tempo os sertanejos da época. Dentro desse viés da seca, escolhemos a obra *Vida Gemida em Sambambaia* de Fontes Ibiapina. Nela analisaremos as características particulares dos personagens que fazem dessa obra, regionalista. Analisaremos também a forma como as ações dos personagens centrais da referida obra são influenciadas pelo meio e pelo contexto social. Para a realização da pesquisa usamos dos pensamentos de alguns teóricos; dentre eles Coutinho, Cândido, Bosi, Ávila e da Silva.

Palavras-chave: Modernismo, regionalismo, seca, determinismo.

ABSTRACT

Unlike the first phase of Modernism, the second phase is to concern the real problems involving humans that period, caused by various social factors. Thus the authors went to work in his works the peculiarities of their respective regions, characterizing them as regionalist. Among the main issues addressed by these authors, is drought, climatic factor that hit long the hinterland of the time. Within this bias drought, choose the work life groaned in Sambambaia of Ibiapina sources. It will analyze the particular characteristics of the characters that make this work, regionalist. We will also consider how the actions of the central characters of that work are influenced by the environment and the social context. For the research use of the thoughts of some theorists; among them Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Alfredo Bosi, Affonso Avila and Raimunda Celestina Mendes da Silva.

Keywords: Modernism, regionalism, dry, determinism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	12
2.1	CONFLITOS E PROBLEMAS SOCIAIS.....	12
2.2	O A SEGUNDA FASE DO MODERNISMO.....	17
2.3	O CONTEXTO LITERÁRIO PIAUIENSE.....	20
3	ABORDAGEM SOBRE O REGIONALISMO E O DETERMINISMO EM OBRAS LITERÁRIAS.....	24
3.1	O REGIONALISMO NA CONCEPÇÃO MODERNISTA	24
3.2	O DETERMINISMO COMO ELEMENTO SOCIAL.....	29
4	ELEMENTOS REGIONAIS E DETERMINISTAS NA OBRA <i>VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA</i> DE FONTES IBIAPINA	32
4.1	METODOLOGIA.....	32
4.2	O REGIONALISMO E SUAS NUANCES	32
4.3	O DETERMINISMO NO COMPORTAMENTO DOS PERSONAGENS ALONSO, MARIA DO CÉU E CHICO CAPOEIRA.....	36
4.4	DADOS ALCANÇADOS.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A segunda fase do Modernismo literário brasileiro teve como principal objetivo fazer uma literatura de denúncia, uma literatura voltada para os problemas sociais que envolveram o homem durante a geração de 1930. Dentre os principais fatores condicionadores desses problemas, está a seca, fator climático que assolou durante muito tempo os habitantes da região Nordeste.

Já que a seca é um elemento social, presente na vida de seres humanos e causadora dos sofrimentos destes; vimos à importância de trabalhá-la, de forma a levar ao leitor a chance de conhecer um pouco mais sobre a cultura popular do sertão e como os sertanejos fazem para enfrentar problemas sociais como os da seca. Por isso tomamos a decisão de fazer uma pesquisa um pouco mais aprofundada ao tema.

A escolha por este tema se deu pelo fato de ser uma temática muito próxima da realidade de nossas vidas; já que somos nordestinos e vivemos uma história um pouco parecida com as dos personagens da obra a ser analisada aqui. Chamou-nos atenção também, a forma como os autores descrevem com fidelidade as reais características de nossa região.

O presente trabalho tem como objetivo analisar dentro da temática da seca, abordada por Fontes Ibiapina na obra *Vida Gemida em Sambambaia*, os fatores regionais e deterministas presentes nos personagens que sofreram bastante com os problemas da seca, Alonso, Maria do Céu (mulher de Alonso) e Chico Capoeira. Para chegarmos ao que propusemos, abordaremos e analisaremos, dentro da referida obra, o comportamento e as atitudes dos personagens citados, em meio aos problemas sociais causados pela falta de chuva.

No primeiro capítulo deste trabalho faremos um aparato geral sobre o contexto histórico que envolveu as produções literárias do início do século XX, mostrando como os conflitos sociais influenciaram nas obras dos autores dessa época.

Ainda no primeiro capítulo abordaremos também os fatores que levaram alguns autores a introduzirem o Modernismo no Brasil; fazendo assim, um estudo

básico sobre a Semana de Arte Moderna e a primeira fase do Modernismo, assim como também, os principais autores desse momento e os objetivos destes.

Ainda no referido capítulo, faremos uma abordagem aprofundada sobre a segunda fase do Modernismo, mostrando o que a mesma tem em comum e de incomum com a primeira fase. Mostraremos as novas preocupações dos autores dessa segunda etapa e as principais temáticas abordadas por eles. Estabeleceremos também quando e como surgiu o Modernismo no Piauí, mostrando os principais autores que fizeram parte dessa época.

No segundo capítulo deste trabalho mostraremos o que significam as temáticas modernistas da segunda geração e como elas são abordadas pelos principais autores.

É na segunda fase que faremos uma abordagem sobre o regionalismo modernista, voltando mais para a região Nordeste, além de fazermos um estudo sobre como surgiu e como é abordado o determinismo dentro das obras modernistas dos autores regionalistas.

No terceiro e último capítulo, analisaremos a forma como o autor aborda o regionalismo na obra a ser analisada e como esse tema se propaga nos personagens escolhidos para a análise. É neste capítulo que analisaremos também de que modo o comportamento e as decisões dos personagens, são influenciados por fatores do meio e do contexto social. O que faz com que se construa um determinismo no enredo dessa obra.

Por tanto, abordaremos no seguinte tópico os problemas e os conflitos que envolveram as produções literárias do início do século XX.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Faremos nesta parte do trabalho um aparato geral sobre os conflitos e problemas sociais que envolveram as produções literárias brasileiras durante grande parte do século XX, levando em consideração a forma como essas agitações influenciaram nas produções da maioria dos autores dessa época.

2.1 CONFLITOS E PROBLEMAS SOCIAIS

Durante o início do século XX foi desenvolvida na Europa uma série de correntes artísticas (dadaísmo, surrealismo, expressionismo, futurismo) que juntas comporiam a arte moderna. Vários artistas brasileiros viajavam para a Europa e lá entravam em contato com essas correntes modernas, que ao voltarem traziam consigo essas novas influências, que somadas ao desejo de implantar no Brasil uma arte completamente desvinculada das imitações dos padrões europeus, a partir da valorização do nacional, possibilitou o início do Modernismo no Brasil.

No cenário econômico brasileiro, após a passagem dos governos militares no início da República, os senhores rurais retornaram ao poder, fortalecidos pela vigorosa economia do café, que girava em torno do eixo São Paulo-Minas Gerais, instituindo “a política dos governadores”. Essa situação beneficiou as elites de São Paulo e de Minas Gerais, que se revezavam no poder (a famosa política do café-com-leite que perdurou até 1930).

Ao mesmo tempo, as principais cidades brasileiras, particularmente São Paulo, conheciam uma rápida transformação decorrente do processo industrial do início do século XX. Isso significou o surgimento de uma burguesia industrial cada dia mais forte, mas marginalizada pela política econômica do governo federal, voltada para produção e exportação de café. Segundo Coutinho (1999, p.22)

É o apogeu do café, que ocupa dois milhões de hectares do solo pátrio. Mas, nesse ano do centenário da independência do Brasil, dois outros fatos históricos de importância ocorreram: a revolução do forte de Copacabana, da qual foi participante Eduardo Gomes, e a fundação do Comunista. Esses acontecimentos, mais o da Semana, davam a medida da inquietação nacional pela época __ inquietação que culminaria com a revolução de 30 e o advento de Getúlio Vargas ao poder.

É bastante notório que os conflitos sociais estiveram presentes na sociedade brasileira desde sempre, como disse Coutinho houve grandes acontecimentos na época que influenciaram bastante nas produções literárias dos autores modernistas.

Dentre as causas da maioria dos conflitos da época, podemos citar o número de imigrantes vindos da Europa (em grande parte os italianos) que se dirigiam para as regiões economicamente mais prósperas, tanto na zona rural, onde havia o café, como na zona urbana, onde estavam as indústrias. Segundo Ávila (2007, p.19):

Com a primazia dos italianos que dão nova fisionomia às cidades, notadamente São Paulo e Rio. Eles trazem outros padrões de vida, que levam a imitação; trazem uma tecnologia simples, mas que é importante e logo se difunde, no fabrico de artigos de todo tipo. _Nos levantamentos da produção industrial feitos em 1901, 1907 e 20, é sensível essa presença, principalmente em São Paulo. O país sem escravos e saneado atrai estrangeiros, o que não se dava antes.

Como fica bem claro na fala de Ávila (2007), a forma como os grandes centros urbanos brasileiros cresciam, atraíram bastante imigrantes, na maioria deles, italianos que trouxeram, junto com eles, uma nova tecnologia, tecnologia essa que causou uma revolução na indústria, principalmente, em São Paulo; o que causou vários conflitos sociais, uma vez que, para a maioria, era difícil se adaptar a essas novas tecnologias.

Nos centros urbanos existia ainda uma faixa da população pressionada, por cima, pelos “barões do café” e pela alta burguesia e, por baixo, pelo operariado: era a pequena burguesia, de caráter reivindicatório, formada, entre outros, por funcionários públicos, comerciantes, militares e profissionais liberais.

No meio de toda essa série de conturbações envolvendo os centros urbanos do Brasil, não podemos deixar de fazer uma análise sobre São Paulo, já que, era nela que se concentrava a maior parte dos movimentos sociais da época.

Foi a partir desse contexto social envolvendo os centros urbanos que surgiu afirmações de vários autores da época sobre São Paulo ser a cidade perfeita para sediar a Semana de Arte Moderna, pois nela se concentrava os maiores números de comerciantes, militares, grandes proprietários de terras e grande parte dos intelectuais do nosso país.

Visto isso, podemos dizer que, em linhas gerais, o Modernismo é um movimento de amplo espectro cultural desencadeado tardiamente nos anos 20, nele

convergindo elementos das correntes europeias antes da Primeira guerra mundial. Esse movimento repercutiu em toda sociedade brasileira, principalmente, pelo fato de buscar uma linguagem mais próxima possível da cultura popular.

Embora tenha sido indiciado bem antes por autores pré-modernistas como Lima Barreto, Euclides da Cunha, Graça Aranha e alguns outros, foi apenas com a Semana de Arte Moderna que se introduziu o Modernismo no Brasil, tendo como um dos principais objetivos a ruptura com a estética do Realismo e do Naturalismo. Isso fica claro em Bosi (2006, p.306):

No caso dos melhores prosadores regionais, como Simões Lopes e Valdomiro Silveira, poder-se-ia acusar um interesse pela terra diferente do revelado pelos naturalistas típicos, isto é, mais atento aos registros dos costumes e à verdade da fala rural; mas em última análise, tratava-se de uma experiência limitada, incapaz de desvencilhar-se daquele conceito mimético de arte herdado ao Realismo Naturalismo.

Podemos perceber com as palavras de Bosi, que assim como a maioria das escolas literárias, o Modernismo também surgiu com uma proposta de negação aos ideais estéticos da escola literária anterior; no caso, Realismo Naturalismo, principalmente no que diz respeito aos costumes e à linguagem popular do brasileiro; por outro lado, podemos ver também, que, no que concerne desvincular-se do antigo conceito mimético de arte que havia no Realismo Naturalismo, foi uma tentativa fracassada.

Os autores brasileiros da época cansados da velha estética exibida nas escolas anteriores e percebendo a necessidade que a sociedade brasileira tinha de mudanças, resolvem implantar o Modernismo no Brasil, como uma forma de levar a leitura a toda à população brasileira, fazendo com que o leitor se aproximasse da realidade do país. Uma literatura enraizada na literatura europeia, ainda presa aos padrões coloniais e uma sociedade que omitia as marcas nacionais, eram alguns dos obstáculos a serem vencidos, para que assim, as produções literárias brasileiras fossem valorizadas. De certa forma, a sociedade brasileira da época estava precisando de algo novo, algo que apresentasse as peculiaridades de nossa cultura como centro de todas as produções, e não uma cultura completamente dependente de outra para se inovar.

Esse movimento modernista que traria ao Brasil uma identidade nacional teve início em 1922 com a “Semana de Arte Moderna” que reuniu artistas de toda parte

do país, com o objetivo de realizar o maior movimento de arte da época. De acordo com Cândido (2006, p. 121).

A Semana da Arte Moderna (São Paulo, 1922) foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas. Integram o movimento alguns escritores intimistas como Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida; outros, mais conservadores, como Ronald de Carvalho, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo; e alguns novos que estrearam com livre e por vezes desbragada fantasia: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, na poesia e na ficção; Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes, Neto, no ensaio. Dirigindo aparentemente por um momento, e por muito tempo proclamando e divulgando, um escritor famoso da geração passada: Graça Aranha.

Fica bastante claro, segundo Candido, que a Semana de Arte Moderna só foi possível por causa da contribuição de vários artistas, que unidos em prol de uma arte inovadora e que mostrasse a riqueza cultural brasileira, se empenharam ao máximo que realizá-la.

Como sabemos não se introduz uma escola literária em um país com facilidade, pelo contrário, as possibilidades de uma rejeição são grandes, principalmente, quando essa escola se manifesta claramente contra a anterior; com o Modernismo não foi diferente, muito teve que ser feito até chegar a Semana de Arte Moderna.

A introdução do Modernismo não foi em nada fácil, principalmente pelo o fato de muitos intelectuais da época, ainda estarem envolvidos com a estética dominante do Realismo Naturalismo, isso fez com que muitos deles rejeitassem essa nova forma de se fazer arte. Da mesma forma, a população no geral, por entrar em contato pela primeira vez com essas novas tendências, tiveram certo estranhamento.

A Semana de 22 representou, acima de tudo, uma ruptura com modelos estéticos antigos, com isso significou mudança em todas as artes, apresentando novos conceitos artísticos na poesia, através da declamação que antes era escrita, na música através de concertos que antes eram só cantados sem acompanhamento de instrumentos, a arte plástica exibida em telas e etc. Esse conceito de “novo” passou a ser marcado em todas essas artes, que eram, no mínimo, muito interessantes. E assim, teve início a primeira fase do Modernismo.

Esta, por sua vez, foi marcada por grandes tubulações, principalmente pelo fato de ter vindo logo depois da 1ª Guerra Mundial, por isso foi um período de muitos manifestos e revoluções. Dentre as correntes artísticas trazidas ao Brasil por autores brasileiros, estava o Futurismo, o Cubismo, o Dadaísmo, o Expressionismo, o Surrealismo. Todas essas correntes influenciaram o Modernismo brasileiro.

Dentre os períodos que compõem o Modernismo brasileiro, o primeiro foi considerado o mais radical, por ter como objetivo principal o rompimento com todas as estruturas que pertenciam à estética das escolas literárias anteriores. Essa primeira etapa do Modernismo ficou conhecida como “destruidora”, pelo fato de que, embora tenha lançado diversas ideias, o movimento modernista foi, antes de qualquer coisa, “destruidor” já que, seu ponto de partida era destruir a estética do Realismo e do Naturalismo, e construir uma nova.

Ao mesmo tempo em que os autores dessa época buscavam o que era moderno, original e de certa forma polêmico, o nacionalismo também se apresenta de várias formas: podemos perceber que há de certa forma, uma retomada das origens, como é o caso de pesquisas quinhentistas, há também a objetivação de uma “língua brasileira”, ou seja, uma língua que se aproxime ao máximo da linguagem do povo, e como uma das características mais importantes dessa primeira fase do Modernismo, havia também uma busca implacável pela valorização do índio verdadeiramente brasileiro. Através dessas metas, surgiram os movimentos que marcaram essa primeira fase: o Manifesto da Poesia Pau-Brasil, o Manifesto Antropófago, comandados por Oswald de Andrade, o Manifesto do Verde-Amarelismo ou da Escola da Anta comandado por Plínio Salgado; tudo isso caracterizou essa fase do Modernismo brasileiro como heroica. Segundo Bosi: (2006, p. 366)

Assim, o Manifesto Pau-Brasil lançado por Oswald de Andrade em 1924 entra por uma linha de primitivismo anarcoide, afim às suas origens de burguês culto em perpétua disponibilidade; a Pau-Brasil contrapõe-se uma corrente de nacionalismo mítico, cheio de apelos à Terra, à Raça, ao Sangue, o Verde-Amarelismo (1926), de Cassiano, Menotti del Picchia, Cândido Mota Filho e Plínio Salgado. Este último iria enveredar por um ideário político direitista, já “in nuce” no grupo neoindianista da Anta, o totem dos tupis (1927), que seria, por sua vez revidado com sarcasmo pela Revista de Antropofagia (28) Oswald Tarsila e Raul Bopp entre outros, cujo Manifesto exacerba as posições de Pau-Brasil, quer regredir ao matriarcado primitivo (sic) já agora sob sugestões de Freud equívoco e mal deglutido.

Dessa primeira etapa do modernismo participaram muitos autores notáveis, dentre eles Mário de Andrade e Oswald de Andrade, por terem sido dois dos grandes propulsores dessa fase; o primeiro começa a expressar seu caráter revolucionário a partir de seu livro *“Pauliceia Desvairada”*, que rompe com todo e qualquer resquício de estrutura do passado. Esse livro tem como ponto de partida uma análise sobre o provincianismo da cidade de São Paulo, o rio Tietê e alguns outros temas relacionados ao estado de São Paulo.

Em todas as suas obras, Mário de Andrade procurava uma linguagem que se aproximasse ao máximo do social, ou seja, uma linguagem brasileira que fosse mais próxima do povo. O poeta teve grande destaque na sua carreira por sempre tratar com importância as peculiaridades da cultura brasileira, além de sempre trazer em suas obras uma crítica à alta burguesia e à aristocracia. Segundo Terra (2004, p.483)

Em toda sua obra, Mário de Andrade lutou por uma língua brasileira, que estivesse mais próxima do falar do povo, sendo comum iniciar frases com pronomes oblíquos e empregar as formas si, quase, guspe em vez de se, quase, cuspe. Os brasileirismos e o folclore tiveram máxima importância para o poeta, como bem atestam os livros *Clã do jabuti* e *Remate de males*. Ao lado disso, suas poesias, romances e contos revestem-se de uma nítida crítica social, tendo como alvo a alta burguesia e a aristocracia.

Oswald de Andrade, assim como Mário, apresenta todas as características da primeira fase do Modernismo; busca por uma linguagem brasileira próxima do povo, por uma identidade nacional, pela valorização das manifestações populares brasileiras, pela aceitação da figura do índio como herói nacional, enfim, um nacionalismo que busca as origens sem perder a visão crítica da realidade brasileira.

Oswald de Andrade representa uma quebra total com a estrutura dos romances tradicionais, isso fica bem nítido nas publicações dos romances *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*. Nesses dois romances ele apresenta capítulos curtíssimos e semi-independentes, num misto de prosa e poesia, que ao final da leitura formam um grande painel.

2.2A SEGUNDA FASE DO MODERNISMO

Faremos aqui uma abordagem sobre o segundo momento Modernista, de modo a apresentar suas principais temáticas, tecendo com ênfase um enfoque sobre a temática da seca, já que é nesta que se enquadra a obra *Vida Gemida em Sambambaia* a qual estamos trabalhando.

A segunda fase do modernismo no Brasil recebe como herança todas as conquistas da geração de 1922 e se estende de 1930 a 1945. Essa fase foi marcada principalmente pela rica produção de poesia e prosa; por outro lado, é o período em que Getúlio Vargas ascende ao poder e se consolida como um dos maiores ditadores; a partir disso todas as produções literárias são voltadas para um fator preocupante: o destino dos homens e da sua vivência na sociedade.

O ano de 1945 foi de grande relevância para o contexto mundial e mais especificamente brasileiro, pois foi o ano do fim da guerra, das explosões atômicas, da criação da ONU e, no plano nacional, da derrubada de Getúlio Vargas, em que se abre um novo período na história literária do Brasil.

Nesse mesmo período há acontecimentos conturbados de todos os gêneros, é um período que sucede a quebra da bolsa de valores de Nova York, seguida pelo colapso financeiro internacional; dentre outras coisas estão presentes rupturas nas relações comerciais, falências bancárias, altíssimo índice de desemprego, fome e miséria generalizados. É em meio a essa atmosfera conturbada que surge a grande preocupação dos autores desse período: “como que o ser humano vai se adequar à sociedade da época? E como que os mesmos fariam para prover meios de denunciar os problemas sociais?”

Podemos observar que durante a segunda etapa do Modernismo houve várias conturbações que levaram o medo e a opressão a todos os cidadãos da sociedade da época, principalmente os de São Paulo que viviam no maior centro urbano. Foi a partir dessa vertente que os autores modernistas sentiram a necessidade de fazer uma arte literária que contribuísse de alguma maneira para acabar com as injustiças, com as desigualdades e com a violência; enfim, com todas as formas de opressão exercidas por parte dos governantes que comandavam o Brasil, sobre os menos favorecidos, ou seja, sobre aqueles que eram de uma classe social completamente desfavorecida em relação à economia.

Duas grandes temáticas desse momento modernista que também não podemos deixar de citar é a questão do romance nordestino, abordando a temática

da seca, e através dela a denúncia; e a questão do romance intimista e psicológico que faz uma análise ao interior de cada ser humano.

Podemos perceber que durante o segundo momento modernista brasileiro, os autores passaram a abordar uma vertente mais preocupante que aquelas abordadas pelos autores da primeira fase, que foi os problemas sociais causados pela seca no nordeste e a forma como as pessoas, que estavam no meio dessa serie de conturbações, se sentiam em meio a tanta desolação.

As décadas de 1930 e 1940 foram marcadas por diversos movimentos polêmicos; e com isso, vários conflitos surgiram em meio à sociedade desse momento. Dentre esses movimentos, citaremos aqui os mais marcantes. A começar pelo surgimento da Segunda República que ocorreu em 1930 quando Getúlio Vargas, com sua revolução, depôs o presidente Washington Luiz. Em 1932 aconteceu a Revolução constitucionalista, que objetivava uma nova constituinte, essa revolução era organizada pelos paulistas que acreditavam que Getúlio Vargas estava planejando uma ditadura, mas, como São Paulo era o único estado a pensar assim, os planos foram frustrados e o resultado foi que centenas de paulistas morreram assassinados pelas tropas getulistas. Logo depois, em 1936 as tropas de Getúlio prendem todas as pessoas envolvidas com a Aliança Nacional Libertadora (ANL), incluindo Luiz Carlos Prestes, líder do movimento e o escritor Graciliano Ramos que relata esse momento de sua vida na obra "Memórias do Cárcere".

Na década de 40, dois grandes momentos marcaram a mesma, o primeiro foi quando Getúlio se tornou bastante querido pelo povo brasileiro ao criar, em maio deste ano, o salário mínimo. O segundo ocorreu em 1945, quando Getúlio Vargas concede a lei da anistia aos presos políticos; neste mesmo ano, a Alemanha se rende e com isso se tem o fim da guerra na Europa. Em agosto o Japão foi completamente bombardeado e acabou se rendendo; isso marcou o fim da Segunda guerra mundial. Em outubro Getúlio Vargas é deposto e em dezembro é eleito o general Eurico Gaspar Dutra presidente do Brasil.

Como podemos perceber, as décadas de 1930 e 1940 foram bastante revolucionárias e marcantes para a sociedade brasileira; é possível perceber também a dificuldade que os autores desse período tiveram que enfrentar para fazer uma literatura de denúncia, uma literatura que levasse à tona todas as opressões

vividas pela classe social mais desfavorecida. A partir de agora faremos uma pequena ressalva aos principais autores dessa segunda fase do Modernismo.

A primeira a ser retratada aqui será a autora Rachel de Queiroz pelo seu bellissimo trabalho realizado neste período, essa foi a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras. A referida autora se destacou pelos seus romances regionalistas; dentre eles, o romance “O Quinze”; nessa obra Raquel retrata o drama dos retirantes nordestinos que enfrentam a seca e sofrem com o abandono do governo. O título desse romance refere-se à seca de 1915, uma das mais terríveis sofridas pela população do Nordeste.

Outro autor que se destacou nessa fase do Modernismo foi Jorge Amado, romancista baiano que teve como seus primeiros romances: *Cacau*, *Jubiabá*, *Marmoto*, *Capitães de areia* e *Terras do sem-fim*; o mesmo se destacou por abordar em seus romances francas denúncias sociais e que correspondem ao período de intensa participação política do autor. Em uma nova fase de sua vida Jorge Amado se destaca escrevendo os romances: *Gabriela*, *Cravo e canela*, onde ele aborda críticas de costume e sátiras.

Considerado o prosador mais importante da segunda fase do Modernismo brasileiro, Graciliano Ramos se destaca por escrever obras bastante significativas como: *São Bernardo*, *Angústia*, *Memórias do Cárcere* e, entre essas está à obra “*Vidas Secas*”; nessa produção o autor aborda a vida de uma família de retirantes, mostrando de forma bastante clara o sofrimento das pessoas que tiveram que enfrentar os períodos de seca no Nordeste brasileiro, drama este também vivenciado pelos personagens da obra a ser analisada.

2.30 CONTEXTO LITERÁRIO PIAUIENSE

Faremos aqui um breve estudo sobre o contexto literário modernista no Piauí, mostrando como se deu o início tardio desse movimento e quais foram os principais propulsores do mesmo.

No Piauí, pode-se por assim dizer que as manifestações artísticas demoraram a serem aderidas. Enquanto que, na maioria do país, em 1922, dava-se início ao Modernismo; a sociedade piauiense vivia na poesia a forma parnasiana. A arte literária ainda estava enraizada nas pilastras da tradição clássica, tanto que o

Romance de Abdias Neves ainda era considerado o de maior importância no estado. (MORAES, 1997, p.79). Ainda segundo o autor:

O romance de Abdias Neves permanecia como o de maior importância e nenhum movimento era iniciado para a mudança e integração aos novos ventos que deveriam soprar do Sul. Este estado de aparente morbidez haveria de permanecer até 1927, quando Martins Napoleão, retornando de Belém, publicava em Teresina o seu livro de poemas “Copas de Ébano”, revitalizando a poética e iniciando o que chamaremos de “Modernismo” piauiense.

A publicação dessa obra é considerada o marco inicial do movimento modernista no Piauí. Como podemos perceber, o Modernismo se propagou bem tarde no Piauí com relação aos outros estados brasileiros. Até 1927 tivemos uma literatura com uma estética parnasiana sendo o romance de Martins Napoleão considerado a produção de maior importância até então. Sobre a volta do referido autor de Belém, Moraes (1997, p.80) comenta:

Martins Napoleão trazia de Belém uma vasta experiência literária, e a formação humanística recebida, ao lado de um caráter de profundo respeito ao ser humano, exerceram na sua poesia influência decisiva na estrutura e na forma das suas criações. Pertencente ao que classifico de grupo Pró-modernista, o poeta trazia ao Piauí uma respeitável bagagem, introduzindo aqui as bases para a formulação de uma nova consciência literária.

Podemos dizer que Martins Napoleão foi de extrema importância para a implantação do Modernismo no Piauí, sendo um dos mais capacitados; não só pelo seu trabalho bem feito, mas também, pela sua formação humanística, o que com certeza o levou para uma tendência regionalista, já que, no Piauí, mais do que em qualquer outro estado, havia a necessidade de uma literatura de denúncia em favor das classes menos favorecidas economicamente.

Dentre os principais autores dessa época estava: Francisco Miguel de Moura, Herculano Moraes, H. Dobal, Assis Brasil, Harde Filho, Da Costa e Silva e Fontes Ibiapina. Sabemos que a literatura piauiense é muito rica em autores renomados; porém, esses foram os que mais contribuíram para as novas artes no Piauí desse século. Já que estamos falando de autores piauienses, não podemos deixar de dar uma ênfase ao autor Fontes Ibiapina, já que a obra a ser analisada aqui pertence a ele.

João Nonon de Moura Fontes Ibiapina foi um dos representantes da prosa regionalista. Nasceu em 14 de junho de 1921 na fazenda Lagoa Grande, município de Picos-PI. Fontes Ibiapina, como era conhecido passou 20 anos de sua vida na fazenda onde nasceu, sendo esta uma de suas fontes inspiradoras.

Para chegar à categoria de grande escritor o autor em questão passou por uma longa trajetória de estudos. Sobre isso Brito (2004, p.19) comenta:

Fontes Ibiapina, como era conhecido, estudou no colégio Diocesano, após submeter-se a Exame de Admissão onde tirou em primeiro lugar; formou-se em Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí em 1950. Exerceu a profissão de professor de matemática e português e foi diretor do Colégio Rural e Artesanato Pio XII, em Miguel Alves-PI.

Como vimos, o autor aqui citado foi, além de estudante, um propagador da educação como professor; lecionando matemática e português. Além do que foi citado por Brito, Fontes Ibiapina teve uma atuação como juiz de direito nas comarcas de Ribeiro Gonçalves, Alto Longá, São Pedro do Piauí, Miguel Alves, Piripiri e Parnaíba. Fez várias viagens por muitas cidades do Piauí. Durante os percursos que fazia o autor ouvia diversas histórias e delas, tirava os temas de suas produções.

Dentre as principais conquistas obtidas pelo autor em questão, não podemos deixar de citar as de cunho social, pois o mesmo teve grande participação nos programas em diversas associações. Sobre esse aspecto Brito (2004, p.20) esclarece:

O escritor piauiense foi membro do Conselho Estadual de Cultura, da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí, do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Primeiro presidente e um dos e um dos fundadores da Academia Parnaibana de Letras, fundada em 28 de julho d 1983. Patrono da cadeira nº 02, ocupada pelo acadêmico Leão Sombra do Norte, da Academia Taguatinguense de Letras. Na Academia Piauiense de Letras ocupou a cadeira nº 09, cujo patrono é Alcides Freitas.

Durante toda sua trajetória como escritor na literatura piauiense, Fontes Ibiapina recebeu, por seu belíssimo trabalho, vários prêmios que o consagraram como um dos principais representantes da literatura no Piauí. Brito (2004, p. 21) discorre sobre esses prêmios:

Como escritor, Fontes Ibiapina conquistou, entre outros prêmios, o Concurso Mobral de Literatura, Crônicas e Contos, em 1979, com a obra intitulada *Lorotas e Fabulações de Zé Rotinho*; 1º lugar no Sétimo Concurso Prêmio Nacional Clube do Livro com a obra *Vida*

Gemida em Samabambaia, onde concorreu com 152 escritores de todo país, recebendo ainda no mesmo evento o diploma de intelectual do ano (1984); Concurso O Intelectual do ano de 1981, concedido pela União Brasileira de Escritores, seção Piauí.

Pudemos notar com tudo que foi dito pela autora Brito, que Fontes Ibiapina, foi um grande escritor, tanto que, além de receber prêmios importantíssimos para sua carreira, ocupou cadeiras em locais e associações de grande reconhecimento sociocultural; como é o caso dele ter sido um dos fundadores da Academia Parnaibana de Letras e de ter ocupado a cadeira de nº 09 na Academia Piauiense de Letras.

3 ABORDAGEM SOBRE O REGIONALISMO E O DETERMINISMO EM OBRAS MODERNISTAS

Como sabemos os autores do modernismo, desde o primeiro até o último momento modernista, adotaram algumas temáticas e algumas concepções a serem seguidas durante esses períodos. Na segunda fase do Modernismo, por viverem em um momento de muitas desigualdades sociais e de muitas opressões, os autores passaram a usar temáticas diferentes das que tinham sido usadas pelos autores que representaram a primeira fase do Modernismo; dentre elas, a regionalista; temática essa, que fez os autores partirem dos centros urbanos para as zonas rurais onde os problemas sociais eram mais constantes. Visto isso, faremos uma abordagem sobre o regionalismo presente no Modernismo.

3.1 O REGIONALISMO NA CONCEPÇÃO MODERNISTA

A partir do ano de 1930 se propagou no Brasil um período de tensões ideológicas em período de guerra. Nesse momento acontecia a Segunda Guerra Mundial, além de ser o ano do Estado Novo no Brasil (ditadura de Getúlio Vargas 1937-1945). A partir disso, foram surgindo cada vez mais ditaduras no país e com isso houve grandes transformações na política brasileira.

Em meio a essa série de acontecimentos perturbadores, surgiu um forte pessimismo na população e isso gerou uma grande agitação, refletindo diretamente nas expressões literárias; tanto que as produções dos autores da época passaram a ser mais voltadas para a realidade social brasileira. Devido a esses acontecimentos sociais a prosa literária se dividiu em três vertentes: a prosa regionalista, a prosa urbana e a prosa intimista.

A prosa regionalista tinha sua inspiração voltada para o regionalismo nordestino, nela os autores procuravam mostrar os problemas sociais causados, dentre outras coisa, pela seca. Os autores regionalistas abordavam também a atividade açucareira e as correntes migratórias, além de darem uma ênfase ao descaso dos governadores. A prosa urbana procura mostrar os conflitos que envolvem a sociedade e a difícil relação entre o homem e o meio, assim como também, entre o homem e a sociedade. A prosa intimista; como o próprio nome já diz, procura mostrar os conflitos íntimos dos personagens, conflitos esses que vão

além do mundo interior de cada um deles, além de representar uma renovação do período.

Como vimos, nessa segunda etapa do Modernismo, os autores tiveram uma preocupação maior em como fazer uma literatura de denúncia, e assim, criar soluções para os problemas sociais. Por isso os autores adotaram as vertentes citadas à cima; tendo cada uma delas uma particularidade, mas sempre com a mesma temática: a realidade social dos brasileiros.

Dentre as vertentes adotadas pelos autores modernistas da segunda fase, daremos aqui uma ênfase à regionalista, pois é no regionalismo literário que encontramos algumas das maiores produções da nossa literatura; tendo sido essas consagradas, não só pela estética, mas pela maneira como conseguiram retratar de forma fiel as peculiaridades de cada região, e de forma específica a obra *Vida gemida em Sambambaia*, objeto de estudo desse trabalho.

Já que abordaremos a vertente regionalista é importante sabermos o que é o regionalismo. Regionalismo é qualquer tipo de peculiaridade de uma dada região, como por exemplo, os fatores linguísticos, o comportamento e os costumes dos personagens retratados na obra. Empregado na literatura o regionalismo é uma corrente literária formada pelos autores regionalistas. É importante sabermos que há regionalismo em outras escolas literárias anteriores ao Modernismo e que também há Modernismo sem regionalismo.

Analisando o regionalismo dentro do Modernismo podemos dizer que o mesmo é: as manifestações literárias que tinham a realidade inspirada em um plano físico e social e aparecendo como sua contraface; ou seja, os autores modernistas ao trabalharem o regionalismo tinham que fazer um retrato fiel de tudo que caracterizava as particularidades regionais; mostrando assim, os costumes, as crenças, a cultura e os falares típicos regionais. Contudo, é importante sabermos que em outras escolas literárias anteriores ao Modernismo; encontramos a temática regionalista; como por exemplo, no Romantismo. Por isso, só podemos falar em regionalismo modernista se fizermos o acréscimo do corte temporal Pós-Semana de Arte Moderna de 22.

Como vimos o regionalismo não é uma marca típica do Modernismo, porém foi nele que o referido tema ganhou maior destaque, pois foi aqui que os autores passaram a ter uma preocupação maior em produzir obras que retratassem a realidade social brasileira. Com isso aderiram às peculiaridades de cada região, e

assim fizeram suas obras retratando a miséria, a fome, a seca, as imigrações e a relação do ser humano com o mundo em meio a tantos problemas.

Como foi dito anteriormente, é no Modernismo que o regionalismo ganha destaque, pelo o fato de os autores precisarem de uma literatura que retratassem a realidade do país, e não apenas as conturbações dos grandes centros urbanos. Se observarmos bem veremos que, pelo fato de o regionalismo literário ser todas as particularidades de uma região, poderíamos dizer que teríamos assim vários regionalismos; já que, o Brasil é dividido em cinco regiões e cada uma dessas delas tem suas peculiaridades e sua singularidade topográfica, política ou cultural do local. E assim, toda vez que um autor retrata todas essas características típicas de uma dessas regiões, acontece um regionalismo literário.

Entretanto, sabemos que dentre esses regionalismos o nordestino se sobressai aos demais, pois a região Nordeste é a que tinha uma singularidade maior, não só no que se refere às características políticas e sociais da época, mas também, por ser a região que mais sofreu durante o período do Modernismo, tanto no que diz respeito às políticas opressoras desse momento, quanto à fome, o sofrimento e a miséria causadas pelos períodos de seca que assolaram por muito tempo essa região. Com relação ao regionalismo nordestino Ávila (2007, p.89), comenta:

O regionalismo nordestino vai ser a fecunda semente que frutifica em toda a geração de romancistas galvanizados pela a ânsia de conhecerem e de compreenderem os elementos determinantes ou condicionadores de um novo tipo humano: o *homem telúrico*. É devido a esse objetivo fundamental que, nesse momento, o foco de visão literária vai incidir nas *relações que aquele homem mantém com o seu meio geográfico* e nas condições socioeconômicas que plasmam, do que propriamente nele, em sua essência última.

Como mostra Ávila, os autores dessa segunda fase modernista passaram a se preocupar em como compreender os fatores determinantes do homem terreno; ou seja, que fatores levaram o homem nordestino a ter uma relação tão forte com a terra local ou área geográfica. É dentro dessa temática regional que percebemos, através das obras desses autores, especialidades presentes no homem nordestino; desde suas marcas culturais, representadas, dentre outras coisas, pelo folclore e

pela literatura de Cordel, até sua determinação e coragem em permanecer em sua terra mesmo diante dos mais terríveis obstáculos.

Ainda sobre o regionalismo no Nordeste, Ávila (2007, p.89), esclarece:

Assim, o mundo brasileiro que se extravasa das páginas desses escritores é em geral aquele que ficou estagnado no compasso colonial; compasso já caduco e em dissolução; compasso que guarda e explica nossas raízes. É, pois, devido a esse ritmo vital ultrapassado que nesse mundo, refletido na literatura regionalista, vibra uma tônica: drama provocado pelo subdesenvolvimento. “agente obstinado da desumanização”. Nessa fase o enfoque principal dos escritores, foi sobre a miséria humana resultante de condições econômico-sociais que aviltam o corpo e o espírito, revelando ao resto do país aspectos de uma realidade nacional que este mesmo desconhecia.

Como podemos perceber a região Nordeste foi muito afetada por vários acontecimentos no decorrer do tempo, principalmente na época do Brasil colônia. Tudo isso fez dessa região uma grande extensão de terra subdesenvolvida; e assim gerou o que o autor citado a cima chamou de desumanização, e como consequência o surgimento da miséria humana. Neste contexto, os autores abordam vários temas, incluindo os problemas nos engenhos e da indústria moderna do açúcar, durante os ciclos da cana de açúcar e do cacau, os problemas da miséria que envolve o cangaço e a prostituição; assim como também a seca, sendo a temática mais abordada pelos autores dessa época.

A temática da seca é muito bem abordada por alguns autores desse segundo momento modernista pelo o fato de surgir através dela vários problemas sociais e econômicos, e que também reflete diretamente na conduta dos líderes políticos da época.

Dentre os autores que cultivaram a temática da seca no Nordeste estão: José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos; esses autores, embora pertencentes a estados diferentes, seguiram a mesma vertente “a seca”, pois em todo o Nordeste a mesma assolava. Dessa forma os autores trabalharam para levar ao restante do país, além das particularidades nordestinas anteriormente citadas, os sofrimentos pelos quais os mesmos passavam.

Em quase todos os romances de cunho regionalista dessa época, encontrava-se a situação dos proletários rurais; ou seja, aqueles que eram dominados por um forte esquema de trabalho sob o comando dos donos das terras. Os pequenos

lavradores eram sempre oprimidos pelos latifundiários. Havia ainda a triste situação em que vivia o homem que trabalhava nas fazendas de cacau. Enfim, os romances regionalistas de 1930 em diante retratavam da maneira mais simples a vida do homem sertanejo perante a fome e a miséria, e da mesma forma, mostravam a submissão dos mesmos para com os proprietários de terra; já que, os políticos da época viravam as costas para essa gente.

Como se não bastasse à forma como os grandes proprietários tratavam os menos favorecidos economicamente, ainda havia o fator da seca, que os impedia de se livrar um pouco dessa situação, pois no ano que tinha um bom inverno a maioria dessa gente sobrevivia sem ter que se humilhar aos ricos, e foi nessa linha de acontecimentos que Rachel de Queiroz publicou o romance *O quinze* na tentativa, não só de levar ao resto do país as peculiaridades da sua região, mas, e principalmente, fazer uma denúncia sobre a vida desumana que levava os nordestinos, em particular os cearenses; já que a referida autora é natural do Ceará.

Da mesma forma, Graciliano Ramos dedicou parte do seu tempo escrevendo a obra *Vidas Secas*, levando aos leitores a forma como os retirantes, obrigados pela seca a saírem de sua terrinha onde nasceram, vagam por todo sertão nordestino em busca de uma melhor forma de vida.

Vimos até aqui que a temática da seca foi abordada por autores de vários estados do Nordeste, porém, já que a obra a ser aqui analisada pertence ao autor piauiense Fontes Ibiapina; enfatizaremos um pouco a temática da seca no Piauí e como o autor em questão abordou a mesma.

A representação da seca no Piauí não foi diferente das outras regiões, pois em *Vida gemida em Sambambaia* Ibiapina aborda a forma como o homem se relaciona com a terra. Descreve tão bem as minudências do Piauí durante o período da seca que mais parece um documentário. O mesmo ainda mostra de forma fiel a luta dos moradores pacatos de Sambambaia com a seca e, na medida em que resistem, mais sofrem e quanto mais sofrem, mais resistem. Como mostra Ibiapina (1985, p.09):

Temos aqui uma historia doída e fascinante. Temos aqui a fotografia nítida de um pedaço do país, uma de suas muitas faces, e não das mais belas. O chão gretado, o pó, o sol escaldante, o céu sem nuvens, as arvores desgalhadas, e o homem sofrendo e resistindo, resistindo e sofrendo dentro dele __ eis o panorama deste livro.

Essa representação da seca no Piauí é muito bem abordada na obra a ser analisada. Nela podemos ver a história de retirantes que, não aguentando mais a situação em que estão, tomam a decisão de sair pelo mundo a fora à procura de melhoria de vida; é possível encontrar também a forma como as pessoas que vivem no Piauí, especialmente em Samambaia, enfrentam os problemas causados pela seca; dentre eles a fome, que é a causa da maioria das mortes que envolveram os nordestinos da época.

Fontes Ibiapina aborda a questão da seca de uma forma natural; ele sempre tem a literatura moldada nas questões sociais, por isso, escrever abordando essa temática não foi por acaso e sim uma questão de urgência. Quanto a isso Silva (2005, p. 160) discorre:

Ele contesta o rótulo que querem impor à sua obra de folclorista e regionalista. Na reportagem com o título *Fontes Ibiapina: a arte deve ser engajada*, ele não nega o estilo, e defende o ponto de vista de que “nada é mais universal do que o folclore”, e que “a dor é universal, é polêmica, na medida em que procura mostrar a miséria de um povo, a falta de escolas nas pequenas cidades. Se literatura regional é isto, eu sou um regionalista, porque tenho vivência de todos esses problemas”.

Ibiapina não só mostrou na obra *Vida gemida em Sambambaia* a forma como os retirantes se deslocavam de um lugar para outro, como também a forma como algumas pessoas se destacavam por enfrentar os problemas causados pela seca mesmo nas situações mais desesperadoras. É nessa parte que entra o determinismo encontrado na referida obra.

3.2 O DETERMINISMO COMO ELEMENTO SOCIAL

Nessa parte do trabalho abordaremos o determinismo presente na literatura brasileira, fazendo uma comparação entre o determinismo na concepção naturalista e na concepção modernista, pois, como sabemos, o tema aqui referido está muito presente em obras naturalistas e é no Naturalismo que ele é mais bem desenvolvido. Ainda sobre o determinismo, é possível encontrá-lo em algumas obras modernistas; como é o caso da que aqui será analisada.

Para chegarmos a uma visão mais específica do que seria o determinismo na concepção das duas correntes literárias (Naturalismo e Modernismo), é preciso saber o que é o determinismo.

No ano de 1830, surge na Alemanha pela primeira vez o termo “determinismo” significando de forma necessária e absoluta a relação entre fenômenos e suas causas. As qualidades que envolviam esse termo foram de grande ajuda para o desenvolvimento de algumas das ciências da época já que o mesmo se opõe ao fatalismo; ou seja, a causalidade objetiva, racional, com base em experimentos rigorosos, foi de extrema importância para a elaboração de discursos científicos e leis. Tudo isso contribuiu para com os avanços científicos. Para Gellner (1986, p. 340), o determinismo é:

O termo que designa uma doutrina, segundo a qual todos os objetos e acontecimento, ou todos os objetos ou acontecimentos de uma mesma espécie (por exemplo, os que fazem parte de alguma disciplina científica) são determinados, e devem ser como são e como serão. Em virtudes de certas leis ou força que façam com que necessariamente assim sejam. Na realidade determinismo é o nome de toda uma classe de teorias que tem em comum a característica anteriormente. O termo torna-se então, nome de uma doutrina específica quando o tipo de determinismo é indicado implícita ou explicitamente. A especificação pode indicar a classe das coisas que estão determinados. O tipo de coisa que as determina, ou ambos.

Então, de acordo com Gellner (1986), podemos dizer que a palavra determinismo indica de modo sintético a relação de causa e efeito. Nesse caso, todos os acontecimentos seriam conduzidos por leis inexoráveis externas a eles, e sempre que certas circunstâncias se repetirem se repetirão também os efeitos. Assim, podemos dizer que a fórmula determinista é uma forma de previsão das ações, que ao passe que conhecemos todas as partes alteráveis do presente, será possível determinar seus resultados.

Ainda nessa mesma linha de pensamento, podemos dizer que o determinismo naturalista segue na mesma concepção de Gellner; já que, os autores naturalistas trabalham com a teoria de Hipólito Adolfo Taine (1828-1893), que é a de que todo acontecimento é uma consequência necessária de outro ou de uma série de acontecimentos anteriores. Na concepção de Taine o comportamento humano é condicionado pelas influências de raça, de contexto histórico e de meio-ambiente. Entre as obras naturalistas em que encontramos o determinismo, está *O cortiço* de

Aluísio Azevedo, onde percebemos, dentre outros elementos condicionadores do comportamento humano, as influências de raça presente na personagem negra, Bertoleza.

Na obra *Vida gemida em Sambambaia*, que pertence ao Modernismo, é importante entendermos como as questões do meio determinam, ou influenciam, nas ações dos seus personagens. Porém, esse termo aparece aqui com outra conotação, um pouco distante da concepção Naturalista. Assim, na referida obra de Fontes Ibiapina é possível perceber um determinismo geográfico por parte de alguns personagens da mesma pelo fato desses lutarem contra a seca local para permanecerem em sua região onde acreditam ser o melhor lugar para se viver. Dessa forma, podemos dizer que as ações dos seres humanos em questão são condicionadas pelas influências do contexto social em que se encontram.

Percebemos em *Vida gemida em Sambambaia* o determinismo se propagando através das ações dos personagens que lutam contra os problemas gerados pela seca durante o período de 1932 a 1957; portanto, não podemos dizer que o determinismo encontrado aqui é o mesmo encontrado nas obras naturalistas, pois na obra em estudo vemos que as ações dos personagens são condicionadas pela influência apenas do meio em que se inserem, vemos também que a vida dos mesmos e o destino deles estão diretamente relacionados aos acontecimentos em torno do meio ambiente, mais especificamente da seca, não sofrendo influência de aspectos como raça a exemplo do Naturalismo.

Visto isso, podemos dizer que a visão determinista abordada por alguns autores do Modernismo é um pouco distante da abordada pelos autores naturalistas, acrescentando o fato de que a crítica social e o desejo de mudança que tomaram corpo nas obras regionalistas têm um fim social, uma vez que buscam não só retratar, mas principalmente conduzir o olhar das autoridades para as dificuldades vivenciadas pelos Nordestinos e, a partir disso, buscar soluções para os problemas vivenciados em decorrência de fatores naturais e mesmo sociológicos.

4 ELEMENTOS REGIONAIS E DETERMINISTAS NA OBRA *VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA* DE FONTES IBIAPINA

Nesta parte do trabalho fazemos a abordagem dos dados levantados anteriormente, mostrando como estes estão presentes no enredo da obra. Antes disso mostramos como é realizada as etapas para alcançá-los e que tipo de métodos foram utilizados.

4.1 METODOLOGIA

Para a realização deste presente trabalho e o cumprimento dos objetivos aqui propostos usamos a pesquisa bibliográfica qualitativa, onde pretendemos fazer uma análise no comportamento dos personagens Alonso, Maria do Céu e Chico Capoeira na obra regionalista *Vida Gemida em Sambambaia*.

Uma vez que na obra a ser analisada Fontes Ibiapina aborda a temática regionalista, retratando o drama da seca; mostramos de que forma o mesmo a abordou dentro do seu enredo, mostrando assim os costumes, comportamentos, linguagem e crenças religiosas. Da mesma forma, analisamos como o determinismo se propaga dentro da obra através dos comportamentos dos personagens Alonso, Maria do Céu e Chico Capoeira. Antes disso, buscamos no tópico que segue mostrar como os elementos tipicamente regionalistas se manifestam na língua, nos costumes e crenças do povo de *Sabambaia*.

4.2 O REGIONALISMO E SUAS NUANCES

A obra *Vida Gemida em Sambambaia* retrata a o período de seca no Nordeste de 1932 a 1953; com isso, começamos a nossa análise mostrando como o autor introduz essa temática, para que o leitor tenha de início um conhecimento prévio do contexto histórico em que estão inseridos os personagens analisados. Podemos ver isso em Ibiapina (1985, p. 13):

Todo mundo esmorecido. 1932 plagiaria, ao pé da letra, com todos os efes e erres, o maldito e nunca esquecido 1915. Sinal de tristeza.

Sinal de tristeza, que naquelas caatingas não pode mesmo haver coisa outra tão grande em misérias quanto um ano de seca. Calamidade tão pesada, que apenas numa letra há diferença para a casa do Diabo ____ não havendo inverno, há inferno.

Nesse trecho do início da obra é possível ver a extensão da gravidade que se alastra no ano de 1932 por meio da seca e que nela se prenuncia a chegada de uma seca jamais vivida. A partir disso, podemos ver que a situação dos moradores sambambaienses enfrentarão os piores problemas de suas vidas. Nessa obra, encontramos, em diversas partes da narrativa, características típicas da região Nordeste, que caracterizam a mesma como regionalista. Como é o caso da seguinte passagem da obra:

O nosso velho Piauí sofrido parecia pegar fogo de uma vez. No município dos Picos, celeiro-mor do estado, dona Miséria encarapitada no cavalo da fome, era como se batesse palmas, dançasse, gargalhasse naquelas choupanas de taipa e chão batido. E aquelas vivaalmas sem destino certo. (IBIAPINA, 1985, p.18)

Nessa parte da obra é possível perceber as características regionais através da exposição do autor sobre a propagação da seca no estado do Piauí, fazendo uma descrição da cidade de Picos. Temos aqui algumas das características do espaço em que se situa o enredo da obra aqui analisada. O autor usa-se da descrição de algumas moradias da época (Choupanas de Taipa) para mostrar as peculiaridades da região.

Ao adentrarmos na obra encontramos outras características regionais presentes na mesma. Desta vez, através das variações linguísticas.

[...] Eu conheço o compadre Chico Capoeira da cabeça aos pés. Aquilo não é animal que se amarre em porta de ninguém. Quero cegar da gota-serena e morrer da sarna-gálica se nesta terra aparecer outro cristão de língua tão desmarcada. E tem mais um quê com dois poréns: vamos terminar nas garras da polícia. Agora sim... Alonso, quero saber de que vamos viver (IBIAPINA, 1985, p. 34).

Vemos nessa passagem da obra características típicas da temática regionalista; nesse caso, um regionalismo presente como variações linguísticas através dos falares típicos regionais. Expressões como “cegar da gota-serena”, “morrer da sarna-gálica” e “tem mais um quê com dois poréns”, nos mostra a presença de um regionalismo linguístico na fala de Maria do Céu, mulher de Alonso.

Além do regionalismo presente nos falares dos personagens da obra, é possível encontrar um regionalismo sendo representado pelos personagens através de suas crenças religiosas. Como podemos ver a seguir em:

[...] Não era possível que São Pedro estivesse esquecido daquele pedaço de chão tão pobre, mais de gente tão boa e sofredora. E São Gonçalo aonde andava? Onde estava aquele São Gonçalo de tantos milagres por demais comprovados dentro do ceio de toda a pobreza sambambaiense?... Um dia (ele tinha certeza) São Gonçalo havia de acordar e puxar na perna de São Pedro pra acordar também e abrir a torneira do inverno em cima do padecimento daquele povo. Não era possível que eles dormissem eternamente! Não era possível que aquela seca excomungada não tivesse um dia o seu fim (IBIAPINA, 1985, p. 36).

Como sabemos a religiosidade está sempre presente nas obras literárias brasileiras, na maioria das vezes tendo um lugar de destaque dentro da narrativa. Podemos dizer que na temática regionalista não foi diferente e que em todas as obras de cunho regionalista encontramos, de alguma forma, a religiosidade por meio da fé dos personagens que têm maiores destaques, principalmente aquelas que abordam a questão da seca; como é o caso da referida obra. Nela podemos ver através das súplicas do personagem Alonso, a propagação de sua fé cristã. Nessa passagem da obra Alonso continua firme na sua luta pela sobrevivência durante o ano de 1932, por meio da fé em Deus e nos santos em que ele acredita.

No decorrer da obra podemos ver o regionalismo se propagando cada vez mais, dessa vez através de uma das consequências geradas pela seca, a fome. Por causa daquela, os personagens são obrigados a comer tudo que achavam, até mesmo restos de animais mortos. Como consequência dos anos de estiagem e da falta de alimento a população padece e se sujeita às mais duras provações, como mostra o segmento a seguir:

[...] Hoje mesmo passaram duas famílias de retirantes lá em casa, que era uma coisa de causar pena e dó. Uma das ditas cujas levava uma ninhada de oito filhos. Magros que só couros e ossos. Os pobrezinhos saíram pelo monturo, como um bicho qualquer, apanhando e roendo tudo o quanto era de couro velho (IBIAPINA, 1985, p. 42)

Encontramos aqui a questão dos retirantes que, não tendo mais o que comer e nem onde trabalhar, decidem se retirar de Sambambaia e irem à procura de uma melhor situação de vida, um lugar que chova todo inverno e que assim não tenham

mais que passar fome. A questão dos retirantes abordada pelos autores regionalistas está diretamente relacionada à desolação da seca nessa região.

Em outra parte da obra encontramos mais do regionalismo presente nas ações dos personagens e abordada muito bem pelo autor. Vemos agora a questão dos costumes e da cultura dos sertanejos de *Sambambaia*, algo bem típico da região Nordeste.

La se vão os futuros compadres de mãos dadas, a passos lentos, rodiando a fogueira e dialogando:

- São João dormiu.
- São João dormiu.
- São Pedro acordou.
- São Pedro acordou
- Alonso vai ser meu compadre.
- Zezito vai ser meu padrinho.
- Que São João mandou.
- Que são João mandou. (IBIAPINA, 1985, p. 125).

Nessa parte da obra encontramos uma descrição fiel do regionalismo por meio dos costumes regionais nordestinos. A parte que foi acima descrita é um ritual entre amigos que resolvem ser compadres e assim se respeitarem mais; tudo isso na noite de São João. Isso é bem peculiar nas obras regionalistas.

Outro fator que fez os autores da segunda geração do Modernismo partirem para uma abordagem regionalista em suas obras, foi o abandono das classes sociais menos favorecidas economicamente pelos governantes da época e isso também é retratado em *Vida Gemida em Sambambaia*. Como mostra o seguinte trecho da obra.

O governador prometeu mandar venenos para matar lagartas e gafanhotos e também veneno e máquinas para folhear formigueiros. O Novo prefeito deu o tal aviso ao povo na feira e dizendo que então o negócio estava muito diferente dos tempos da ditadura. Parecia até que o homem estava fazendo um discurso de campanha eleitoral. Dizia e afirmava que os venenos e as máquinas viriam; que o governador havia prometido e que não era homem para prometer e faltar; que se tratava de um cidadão criterioso que tudo fazia para satisfazer a vontade do povo e à necessidade dos que depositaram nas sacrossantas urnas de madeiras. [...] Infelizmente o pobre do governador não pôde cumprir a promessa. A oposição contava com a maioria na câmara dos deputados e essa maioria fazia questão cerrada para que ele não desse um passo a benefício do povo (IBIAPINA, 1985, p. 154).

É nessa parte da obra que o autor faz uma denúncia sobre um dos principais temas abordados pelos autores regionalistas, o abandono dos políticos aos

indivíduos pouco favorecidos pela economia do país, cujas vidas dependem de um único fator: a existência de um bom inverno; ou seja, o autor denuncia através do narrador o desprezo dos políticos para com os pobres que dependem das colheitas dos legumes para sobreviver.

Podemos perceber que o autor mostra as falsas promessas dos políticos através dos discursos eleitorais, onde neles os pobres sertanejos acreditam, não só no discurso dos mesmos em período de eleição, mas também no fato de o único motivo para o não cumprimento das promessas do governo é a não aprovação da câmara dos deputados.

Aqui finalizamos as análises das características presentes na obra que a caracteriza como regionalista. A partir de agora mostraremos como o meio influencia no comportamento dos personagens Alonso, Maria do Céu e Chico Capoeira..

4.3 O DETERMINISMO NO COMPORTAMENTO DOS PERSONAGENS ALONSO, MARIA DO CÉU E CHICO CAPOEIRA

Logo de início, quando o autor ainda narra a seca de 1932, encontramos uma ação fortemente influenciada pela visão determinista, nesse caso protagonizada pelo personagem Alonso.

Mas Alonso se estribava naquela sua opinião danada de teimosa:

___ posso é morrer de fome. Posso me acabar por uma vez, mas daqui não saio, nem que a vaca tussa. Daqui ninguém me tira, nem mesmo a seca. Daqui só me vou quando me apagar por uma vez para este mundo velho cheio de tantos e mais tantos sofrimentos sem limite e sem tampa. Pode ser que o gado de seu Zacarias da Mata (que eu sou vaqueiro) morra (IBIAPINA, 1985, p.28).

Nessa passagem da obra o personagem Alonso, influenciado pelo meio em que se encontra, se sente obrigado a permanecer em *Sambambaia* onde nasceu e cresceu; o fato de seus familiares já mortos se encontrarem ali, seus amigos de infância e a “boa” vida que os anos de bom inverno os proporcionou, faz com que Alonso sintasse-se preso a Sambambaia. Entretanto, mais do que o apego às origens, o sentimento de luta e resistência fala mais alto do que todas as adversidades. Faz

parte do nordestino, mais especificamente do seu povo o sentimento de luta, de coragem, que o faz resistir às mais duras provações.

Em meio a tantos problemas causados pela seca que assolava Sambambaia em 32, Alonso vê-se obrigado a praticar ações que vão contra a sua índole, algo que, de certa forma, vai contra o seu caráter. Podemos ver isso no fragmento que segue:

Também na ponta da língua estava à boca para mandar o cachorro agir. Mais que logo, afilou o cadelinho. E o cadelo entarolou a novilha no meter dos pés. Era que, naquele momento, o seu dever de pai de família não seria pensar em furto no sentido de desonestidade. Seria apenas pensar que, lá no outro lado da mata, seus filhos se acabando de fome, comendo o sobejo do gado. Razão por que sentiu que fazer às vezes de açougueiro no meio do carrasco bruto (IBIAPINA, 1985, p. 30).

Como vimos, há uma contradição no comportamento de Alonso no que diz respeito à conduta dos sertanejos, pois os mesmos são vistos, na maioria das obras literárias, como homens de bom caráter; porém o fato de Alonso matar a novilha de um dos fazendeiros locais, mesmo para alimentar a família que passava fome, faz com que essa imagem seja quebrada; ou seja, o fato dele ter em casa uma família passando fome, durante uma das maiores secas já vistas no Nordeste brasileiro, não anula o fato de ele ter furtado uma novilha alheia, o que faz com a ação de Alonso seja vista como um ato desonesto.

Ainda nesse mesmo contexto da obra encontramos, pela primeira vez, a influência do meio nas ações de Maria do Céu, como fica claro no trecho:

[...] Mas sempre combinava com ele que, quando as chuvas chegassem, mudariam de vida:

__ Quando um dia feliz a maldita desta Seca tiver o seu fim, meu velho, você vai deixar de pegar no alheio que é pra Deus nos ajudar.
[...] __ Muito bem! Eu acho que roubar não é pecado, quando se rouba pra não morrer de fome (IBIAPINA, 1985, p. 31).

Aqui encontramos, nas atitudes de Maria do Céu, a influência do meio, tanto pela fome que ela e os meninos estão passando, quanto pelas palavras de seu marido Alonso que sempre conseguiu convencê-la. A referida personagem, assim como Alonso, vê no furto da ovelha a única maneira de se livrar da fome, fato este que revela a interferência do meio no comportamento dos personagens.

Ainda com relação ao roubo da novilha, encontramos na mesma linha de acontecimento, um determinismo influenciado pelo meio e pelo contexto nas ações do terceiro personagem a ser aqui analisado, Chico Capoeira amigo de Alonso. Ao encontrar com Alonso na hora do ato, tenta mostrar-se superior ao mesmo dizendo que o entregaria ao dono do animal, mas, tendo em vista a situação em que se encontra, acaba aceitando a proposta de Alonso de dividir a carne da ovelha com ele, como mostra o trecho que segue,

Encheu a boca d'água. As tripas roncaram grosso como se lhe pedindo, até pelo o amor de Deus, que aceitasse o negócio. Ai o homem perdeu as estribeiras da ação: __ Está certo. Aceito a sua proposta, porque sou seu amigo de todas as horas. Mas lhe peço, por tudo o quanto de santos na corte do céu, que guarde segredo. Santa mãe de Deus!... Sessenta janeiros nos couros tenho nesta terra. E nunca que me vi em apuros por causa de negócios feios. Mas o caso está além de sério. E é como diz você: roubar pra não morrer de fome não é feio, não é crime, não é pecado (IBIAPINA, 1985, p. 38).

Como vimos a ação do personagem Chico Capoeira é determinada pelas circunstâncias promovidas pela seca. Ao encontrar o amigo roubando, se apoderando de uma ovelha alheia, julga-o e critica-o pelo ato, mas, logo em seguida, após receber uma proposta tentadora de Alonso, não teve como resistir; isso aconteceu pelo fato dele se encontrar na mesma situação do amigo. Na sua casa a panela ainda não tinha ido ao fogo e já era noite; então, a fome falou mais alto que a vontade de permanecer honesto.

Depois de decorrida boa parte da obra, encontramos novamente, nas ações de Maria do Céu, uma ação promovida por intermédio das circunstâncias locais. Isso acontece quando Alonso e sua família, obrigados pelo delegado da cidade, tentam sair da mesma; porém, por não terem em que fazer a mudança, acabam roubando dois jumentos para carregar a bagagem e os meninos pequenos, e caem pela segunda vez nas garras da polícia. É nessa hora que Maria do Céu tenta pôr em prática a bravura de uma mulher do sertão.

Quando menos esperava, os pestes dos soldados bateram. Só dois, mas armados de fuzil e sabre. Maria do Céu cochichou ao seu ouvido:

__ Banque o lampião e diz que não vai a não ser aos pedaços. Se não é homem, me dê suas calças, que eu resolvo a parada de qualquer de maneira. E teimava mesmo pra entregar a saia a Alonso e receber as calças dele (IBIAPINA, 1985, p. 62).

Nessa parte, vários fatores influenciaram as atitudes de Maria do Céu; dentre eles, o fato de estarem obedecendo às ordens do próprio delegado e o fato de lampião ter sido do sertão nordestino e nunca ter temido ou obedecido as leis locais. Podemos perceber um determinismo muito grande por parte da referida personagem, que mesmo diante do fato de que seu marido não estava disposto a fazer nada a respeito da situação, continua a insistir em trocar as vestias com o mesmo para realizar a ação, mesmo sendo uma mulher.

Ainda no contexto da prisão de Alonso, o mesmo, para não ser o único a ser humilhado pelo delegado, acaba entregando o companheiro de furto Chico Capoeira; porém, mesmo sobre pressão do delegado, negou tudo e acabou deixando Alonso pagar “o pato” sozinho. Vejamos um trecho da obra.

Não tardou o mesmo soldado que, tão antipático quanto o sargento, entra tocando Chico Capoeira. Mas o velho foi duro e decidido na parada. Negou tudo falou bonito, firme e rosado. Tinha sessenta janeiros nos couros e nunca que na vida, uma vez sequer, baixara os dez dedos da mão no alheio. Nasceu e se criou naquela terra e era a primeira vez que cruzava os pés no batente da delegacia. Todo mundo por ali o conhecia (IBIAPINA, 1985, p. 55).

De acordo com a teoria determinista, segunda a qual todo efeito é condicionado anteriormente pelas causa, podemos dizer que, através dos elementos constitucionais da situação em que Chico Capoeira se encontra, é possível prever que o mesmo negaria os fatos, já que, como o próprio narrador coloca “nesta terra pobre não tem vez”. Pobre, pai de família, Chico Capoeira não poderia ser preso. Nesse caso, fica fácil prever as atitudes dele.

Depois de decorrido alguns anos, a narrativa de Fontes Ibiapina chega ao último ano de seca, porém um ano de seca tão grande ou até maior que a de 32. O ano de 1953 fica na história como o ano que mais teve mortes por causa da fome, assim como também o ano das migrações.

Alonso mais uma vez foi um dos mais afetados com a seca, e como queria continuar com a sua perseverança em morar em Sambambaia acaba roubando mais uma vez para que não morresse de fome ele e a família. Vemos aqui a história se repetindo novamente na vida daqueles viventes que insistiam em permanecer de pé; mais uma vez se viam em meio a uma seca que destroçava mais e mais aquele lugar pacato onde tudo dependia das chuvas. Na medida em que a seca se repetia, se repetia também o sofrimento na vida de Alonso, e mais uma vez caiu nas mãos

do terrível delegado que, depois de fazê-lo sofrer como nunca havia sofrido antes nas mãos de um homem, ordenou que deixasse a cidade. Mesmo assim Alonso:

Prometeu cumprir as ordens do tenente. Mas em si estava quase sabendo que não podia deixar, de maneira alguma, aquela terra. Além de tudo, como poderia se retirar com três filhos e uma mulher nas costas?! Três filhos, sem falar nos que viram a seca de trinta e dois que já eram grandes, e até dois casados, que estes de certo ficariam de qualquer maneira. O duro era que não podia sair de Sambambaia. Mesmo que pudesse, não queria. E sem querer nem poder, muito pior ainda. Pronto! De Sambambaia não saio nem que a vaca tussa. Azar!... (IBIAPINA, 1985, p. 163).

Como foi dito anteriormente, mais uma vez a história se repete, e como tal, as atitudes de Alonso também. Alonso age com uma visão bastante determinista ao não querer sair de sua terra; porém, podemos perceber que, no fim da citação, o autor finaliza com uma pausa, deixando subentendido que desta vez não seria tudo que se repetiria como antes.

Dessa vez Alonso não tinha como ficar, mesmo não querendo e nem podendo sair. As ordens do tenente eram claras, assim como a existência de uma seca prolongada. Assim, para não ver a história se repetir mais uma vez em sua vida, o personagem aqui referido decide ir embora de Sambambaia.

Depois de tomada a decisão, a principio recusada por Maria do Céu, mas logo depois aceita pela mesma, se deslocam de Sambambaia a Picos para pegar o pau-de-arara que sempre de lá saia em direção ao mundo. Depois de já em cima do transporte Alonso começa a lembrar de tudo o que viveu em sua terrinha querida, como mostra IBIAPINA (1985, p. 175),

Finalmente, lembrou-se de tudo o quanto de bom e ruim de sua vida tão cheia de altos e baixos naquela terra. Foi quando sentiu aquela coisa mole correndo pelo rosto. Passou a mão e sentiu, e viu: estava chorando.

O pau-de-arara buzinou e partiu.
Foi-se embora o homem.

Assim, o autor finaliza sua obra. A fuga da seca e de suas consequências impiedosas, reproduzida no trecho que encerra a obra, representa uma reversão do quadro das ações deterministas vistas até aqui, de modo particular nas ações do personagem Alonso, assim como nas de Maria do Céu; as circunstâncias irremediáveis determinam o desfecho da obra, caracterizando-se como um fato

corriqueiro observado no Nordeste brasileiro diante da impossibilidade de reverter a seca e de sobreviver as suas provações.

Analisando os fatos que envolvem a vida de Alonso e sua família, é possível prever as consequências na vida do mesmo, visto que ele não tinha mais para onde correr, porque se fosse pego novamente em roubo não teria mais a chance de recomeçar, sem falar que já tinha perdido muitas coisas na vida por causa de sua insistência em permanecer em Sambambaia.

Dessa vez não tinha mais para onde fugir, dessa vez não tinha mais como voltar atrás, assim como também não podia mais ser pego pelos policiais. Ainda assim tinha algo que ele não podia deixar que mudasse, a perseverança e a determinação em não permitir que sua família morresse de fome. E foi-se embora o homem!

4.4 DADOS ALCANÇADOS

Através da realização da pesquisa, tivemos no presente trabalho, a obtenção de todos os dados propostos anteriormente. No decorrer da mesma, encontramos o regionalismo literário presente no enredo da obra de forma bastante ampla; por meio da descrição do espaço em que se passa a história, por meio das variações linguísticas presentes nos falares dos personagens, principalmente, em Alonso, Maria do Céu e Chico Capoeira, por meio também das crenças religiosas que sempre estão presentes em obras literárias; e aqui não foi diferente, com ênfase no discurso e nas ações de Alonso. Ainda sobre o regionalismo, encontramos também, a propagação do mesmo nos costumes de todos os personagens da obra.

Analisando o comportamento dos personagens Alonso, Maria do Céu e Chico Capoeira, encontramos o determinismo presente nos mesmos através de duas situações: condicionadas pelas influências exercidas pelo contexto social e pelas circunstâncias em que os mesmos estão envolvidos. Dessa forma podemos dizer que os objetivos a serem almejados com o uso da pesquisa bibliográfica qualitativa, propostos anteriormente, foram alcançados de forma bastante satisfatória; tendo em vista, os dados mostrados até aqui no presente trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as causas dos problemas retratados e denunciados pelos autores da segunda fase do Modernismo está a temática da seca. Ao abordarem esta temática os autores literários abrem espaço para temas desenvolvidos dentro das obras como o regionalismo e o determinismo.

O determinismo é uma temática filosófica abordada, primeiramente, pelos autores literários naturalistas, e os mesmos desenvolvem-na muito bem dentro de suas obras.

No Modernismo alguns autores regionalistas trabalham a temática do determinismo, de forma que este não surge como a mesma visão abordada primeiramente pelos autores naturalistas, mas como fatores que condicionam as ações dos personagens presentes em algumas obras.

Temos na obra *Vida Gemida em Sambambaia* o determinismo presente, principalmente, nas ações dos personagens centrais Alonso, Maria do Céu e Chico Capoeira, de forma a levar os mesmos a tomarem decisões condicionadas pelo meio ambiente e pelo contexto em que se encontram.

Uma vez que a referida obra está centrada na temática regionalista, nos propusemos a fazer uma análise sobre as particularidades regionais que estão presentes nela, como os costumes, as crenças religiosas, as variações linguísticas representadas nos falares dos sertanejos e de modo particular as ações condicionadas por essa atmosfera.

Neste trabalho contamos com a teoria de vários autores que falam sobre o Modernismo e suas temáticas; dentre eles, Coutinho (1999), Cândido (2006), Bosi (1993), Silva (2005), Moura(2001), Ávila(2007).

Para a realização deste trabalho utilizamos uma pesquisa bibliográfica qualitativa, com os objetivos de apontar dados que indiquem tanto as atitudes deterministas condicionadas pelo meio e pelo contexto em que estão os personagens da obra analisada, quanto às peculiaridades regionais presentes no enredo da mesma.

Segundo os dados analisados na obra *Vida Gemida em Sambambaia*, concluímos que o autor Fontes Ibiapina exerceu uma função muito importante na importação das características particulares da região Nordeste, em particular o Piauí,

onde se situava a cidade de Sambambaia, aqui referida a todo o mundo, ao retratar com fidelidade cada peculiaridade nordestina.

Podemos dizer também que o autor trabalha muito bem a questão da representação do determinismo por meio das ações dos seus personagens, sendo elas, condicionadas pelo meio ambiente e, em alguns casos, pelo contexto social em que os mesmos estão inseridos.

Através da pesquisa aqui utilizada, conseguimos alcançar todos os objetivos propostos anteriormente, como mostrar de que forma o regionalismo e o determinismo se propagam no enredo da obra através dos comportamentos, costumes, falares típicos e atitudes dos personagens Alonso, Maria do Céu e Chico Capoeira.

Com a realização da pesquisa, tivemos nossos objetivos anteriormente propostos alcançados de forma satisfatória. É importante ressaltar que a pesquisa aqui desenvolvida foi feita de forma introdutória, portanto, a mesma encontra-se aberta à novos estudos.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Affonso. **O Modernismo. 3ª. ed.** São Paulo: perspectiva, 2007.
- BOSI, Alfredo, 1993. **Historia concisa da literatura brasileira. 43. ed.** São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRITO, Stela Maria V. Lima. **A construção da identidade regionalista em *chão de meu Deus* de Fontes Ibiapina. 1ª. Ed.** Teresina: Grafiset, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade. 9ª. Ed.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COUTINHO, Afrânio, **Literatura no Brasil. 5ª. Ed.** São Paulo: Global, 1999.
- GELLNER, E. A. **Determinismo. In: Dicionário de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986.
- IBIAPINA, Fontes, ***Vida Gemida em Sambambaia.*** São Paulo: clube do livro, 1985.
- MORAES, Herculano, **Visão histórica da literatura piauiense. 4ª. Ed.** Teresina: HM Editor, 1997.
- MOURA, Francisco Miguel de, **Literatura do Piauí.** Teresina: Academia piauiense de letras- convênio com o Banco do Nordeste, 2001.
- SARMENTO, Leila Lauer, **Português. 1ª. Ed.** São Paulo: Moderna, 2010.
- TUFANO, Douglas, **Português. 1ª. Ed.** São Paulo: Moderna, 2010.
- SILVA, Raimunda Celestina Mendes da, **A representação da seca na narrativa piauiense: século XIX e XX.** Rio de Janeiro: Caetés, 2005.
- TERRA, Ernani, **Português: de olho no mundo do trabalho. 2ª. Ed.** São Paulo: scipione, 2009.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (x) Monografia
- () Artigo

Eu, **EDILSON ENOQUE DA SILVA** autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **O REGIONALISMO E O DETERMINISMO EM “VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA” UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA NA OBRA DE FONTES IBIAPINA** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 09__ de ABRIL__ de 2015__.

Edilson Enoque da Silva
Assinatura